



PRETA-RARA: ENTRELAÇANDO AS IDEIAS SOBRE O CABELO E COM POESIA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR.

Roberta Santos de Almeida
Francisco Diógenes Freire Ferreira

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. profdiogenesferreira@gmail.com. Robertta_santos22@hotmail.com

No universo do racismo, o corpo negro e todos os seus recantos, tornam-se alvo de deboche e de violência, quando não física, verbal. O cabelo, traço de ancestralidade, guarda a cultura e a luta do povo negro. Elemento atual de autoafirmação nos tempos em que o mito da democracia racial se fortalece e continua a questionar a existência do racismo. O cabelo ganha protagonismo entre homens e mulheres como elemento de identificação de um grupo, inspirando também música e poesia. Logo, surge a necessidade de se falar do cabelo na formação do professor. Para tanto, destacamos a importância de trazer para sala de aula novos instrumentos que possam tornar o ensino significativo e atrativo, alcançando por fim o objetivo de renovar mentes. Foi então realizado uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico a fim de se preparar um plano para uma aula atrativa e significativa voltada para a formação de professores, marcada pela teoria da ação comunicativa de Habermas. A poesia declamada e filmada torna-se potencial meio de trabalho. Dentre elas, destacamos: entrelaçando as ideias, de Preta-rara que enaltece o cabelo negro. A declamação da artista, traz a força do povo negro e torna a sua construção artística objeto interessante para a sala de aula e assim construir novas didáticas. Podendo contribuir dialogicamente numa ação formativa para com os professores sobre como falar do cabelo negro com seus alunos. Destacando sempre a abrangências dos saberes do professor, a necessidade da formação continuada, e de uma formação reflexiva.

Palavras chave: Poesia. Formação. Professor. Cabelo.

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br

INTRODUÇÃO

Negros e Brancos são iguais, porém a cultura os faz diferentes aos olhos de muitos (GOMES, 2003). A bem da verdade Santos (1991) nos traz uma metáfora interessante sobre a influência da cultura na sociedade. Este afirma que o indivíduo nasce no estado de natureza e ao entrar em contato com a cultura, sente dificuldade em deixar de ser natureza e aceitar a cultura que lhe é imposta por coerção social. No entanto, pela educação e pelo exemplo a cultura passa a ser aceita na medida que for interiorizada e assumida. O homem passa então a se sentir parte dessa cultura e a repeti-la e dissemina-la livremente. Logo, o ser humano não nasce racista, mas o exemplo e a educação recebida na rua, em casa e até na escola, muda seu ponto de vista e o naturaliza. Estranhamente mais inegavelmente a escola enquanto espaço social pode disseminar o racismo através do seu corpo de funcionários e entre seus alunos, favorecendo então essa forma de discriminação.

No prefácio do Livro O drama racial brasileiro: socialização entre pares e preconceito de Rita de Cássia Fazzi (2012), Eunice R Durham destaca pelo menos três formas sutis em que o professor pode manifestar o racismo junto aos discentes. Seja na atenção e afetividade diferenciada para com as crianças negras, a omissão e demonstrações que manifestam o descrédito nas potencialidades da criança negra. Embora o livro (FAZZI, 2012) destaque o racismo presente na socialização das crianças, a autora ainda identifica entre os professores entrevistados alguns que afirmam não saber como lidar com situações de racismo na sala de aula.

Considerando as teorias do embranquecimento associado ao mito da democracia racial, o racismo é uma realidade cultural enraizada na sociedade brasileira a qual conduz a homens e mulheres brancos a assumirem pretensas posições de superioridade, resultante também de uma história marcada pela escravidão, assassinato e depreciação do corpo negro. Nesta realidade o corpo do negro transforma-se em alvo de julgamento e inferiorização (SCHWARCZ, 2012). Entre os aspectos, mas atacados do corpo negro, surgiu o cabelo. É importante estabelecer caminhos que permitam mudar essa cultura e tornar real os preceitos de uma igualdade para além dos níveis formais. Quebrando os alicerces de um racismo confirmado diariamente como estrutural. Nesse contexto, o cabelo pode se tornar mecanismo de disseminação de um olhar positivo para o negro e do negro para consigo mesmo, sendo reconhecido como elemento identitário do negro, sem julgamento e frases depreciativas.

Para tanto, toma-se como pressuposto o outro lado da mesma metáfora de Santos (1991), pois se a educação contribui para o surgimento de pessoas racistas, pode guiá-los para o retorno ao estado natural ou servir de eco para ao menos coibir o seu fortalecimento e construção. Lembrando que o professor não racista pode conscientizar uma criança ou jovem influenciada por esta ideia e estes poderão no futuro tornar-se outros professores e portanto disseminadores de uma cultura sem racismo (ALARCÃO, 2011) ou ainda e simplesmente pessoas em paz com seu corpo negro e cabelo afro, passarão a se sentir parte de algo bom e bonito, se reconhecendo como parte de uma identidade para longe das caixinhas que a sociedade estabelece como bom e bonito de acordo com o padrão caucasiano.

A escola, enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. E por isso mesmo ela também é um importante local onde estas podem ser superadas. (GOMES, 2003, p. 77)

Considerando o corpo negro em evidência, para efeito deste trabalho destacamos o cabelo, no qual discutimos sobre a relevância de se utilizar diferentes tecnologias, como a poesia contemporânea, por exemplo, como meio para conduzir a uma aprendizagem de fato positiva que respeite o ser humano em todas as suas especificidades. Permitindo que estes reconheçam a verdadeira igualdade, partindo do pressuposto que novos recursos pedagógicos podem conduzir a reflexão e uma maior sensibilização e significação do tema na formação de professores.

Para isso, este trabalho se detém em analisar a força da imagem e da letra da poesia entrelaçando as ideias, declamada de forma vigorosa por Preta-rara em defesa do cabelo afro, que é traço marcante do corpo negro e a partir dessa análise pretende-se sugerir possibilidades para se construir uma formação para e com os professores, respeitando aqui o protagonismo destes como idealizadores de uma saber prático que respeite sua realidade e relevante como define Tardiff (2013).

METODOLOGIA

Por meio de uma pesquisa exploratória que faz uso do método de revisão bibliográfica, a qual permitiu a consulta de pesquisas encontrados em livros e artigos sobre o tema e dessa forma favorecer um arcabouço teórico para se analisar a poesia de Preta – rara, entrelaçando as ideias, e a possibilidade de aplicação desta na formação de professores buscando construir com estes novas práticas pedagógicas voltadas para trabalhar o cabelo negro em sala de aula de forma positiva. Para

assim garantir aos professores subterfúgios para lidar com as questões étnico raciais com seus alunos. Rompendo entre outros aspectos com a omissão de alguns professores quando se deparam com esta realidade.

Para tanto foi realizado uma análise qualitativa da citada poesia e seu potencial como instrumento formador de professores no enfrentamento do racismo no espaço escolar. Considerando nessa formação os saberes produzidos pelos professores na sua experiência de sala de aula, garantido com isto o protagonismo do professor na construção do seu saber, refletindo sobre como adequar os conhecimentos recebidos a sua realidade de trabalho.

Com esta pesquisa pretende-se construir os fundamentos para futuramente ser possível pôr em prática os conhecimentos aqui desenvolvidos através da abertura de um caminho para estabelecer um elo entre os professores e o pesquisador numa formação sobre questões étnico-raciais, tendo o cabelo afro como protagonista e enaltecendo uma reflexão sobre questões raciais e não uma imposição de valores e regras. Assumindo a concepção que o conhecimento deve ser facilitado e não imposto.

RESULTADOS

A presente pesquisa se deteve a uma análise da poesia de Preta-rara entrelaçando as ideias, buscando identificar se ela se adequa como instrumento favorável para ser utilizado na formação de professores, para desenvolver o tema das relações étnico – raciais com estes, se detendo especificamente na afirmação positiva do cabelo afro. A pesquisa e análise concluiu sua estrutura como sendo favorável para discussão e sensibilização dos professores quanto ao problema do racismo no ambiente escolar. Bem como, seu formato áudio visual, surgiu como mais um estímulo a reflexão entre professores para ser possível facilitar uma formação que respeite o saber do docente, o colocando como sujeito ativo de sua formação e então rompendo com a forma clássica de produção de conhecimento que coloca o professor apenas como receptáculo de conhecimento.

Bem como os nuances artísticos encontrados na composição, permitem dialogar com os professores sobre como reagir em situações de racismo na escola e principalmente como é possível utilizar esta e outras composições semelhantes no ambiente de sala de aula de forma reflexiva. Favorecendo ainda com a composição uma abertura para que os professores possam participar da construção de novas formas para atuar em sala de aula com instrumentos pré-existentes que podem adquirir impacto pedagógico e na construção de outros meios como instrumentos pedagógicos a serem desenvolvidos em sala de aula. Visto que a poesia neste caso surgiu como meio reflexão e

discussão, propiciando o desenvolvimento de novos olhares e formas de se tratar a questão do racismo em sala de aula. Logo, esta poesia não é apenas instrumento pedagógico em si, mas meio para a construção de outros instrumentos pedagógicos partindo da premissa de um diálogo aberto entre os docentes, considerando seus saberes para juntos entender as realidades vivenciadas na sala de aula e construir novas formas de interação entre os professores e seus alunos.

DISCUSSÃO

Por mais que se tenha ido embora a ditadura, muitos dos problemas sociais que com ela conviviam persistem na sociedade brasileira. Como meio de contestação dessa realidade social surgiu no Brasil a poesia marginal. Passados os anos, terminada a ditadura, entrelaçando as ideias é uma prova que a poesia marginal se mantém na sociedade brasileira, visto que muitos dos problemas permanecem sem solução.

Analisando a poesia entrelaçando as ideias a qual ponderamos como uma revisitação ao estilo marginal, partimos da leitura de Fiorin (2016), em sua análise sobre a poesia sobre o enfoque da teoria de Bakhtin, e identificamos um dialogismo natural na construção de Preta-rara. Visto que esta faz de suas letras um enunciado que confronta outro enunciado de preponderância racista que persiste no Brasil que em suas diferentes formas ataca a identidade do corpo negro representada principalmente através do cabelo, mas também da religião e outros estereótipos que associam o negro a sujo e usuário de drogas.

A poesia de Preta – rara de forma engajada, pode ser encontrada declamada na forma de vídeo em veículos midiáticos como o Youtube, com sua própria autora utilizando de sua voz e performatividade artística para fortalecer o peso de suas letras. Nesse contexto, é importante ressaltar a presença de um monologismo (FIORIN, 2016) da autora, pois está se funda claramente na sua experiência pessoal de quem viveu a dura realidade de uma sociedade presa ao padrão europeu, que grita a uma criança para que esta alise seu cabelo. O processo criativo de Preta-rara se expõe logo de forma centrípeta, visto que Preta – rara constrói um texto que traz os fatores externos para contextualizar a sua realidade pessoal como uma forma de escancarar a realidade social de uma pessoa negra. O texto flui desmitificando palavras e situações racistas que são vivenciadas pelo povo negro e que ataca a sua identidade.

Poderia – se dizer por outro lado que a obra de Preta rara seria uma ode declamada, e não cantada, ao cabelo negro, pois a autora exalta sua ancestralidade, utilizando-se justamente dos estereótipos negativos para fortalecer a auto estima daqueles(as) que escutam suas palavras e

desmitificar todas as proposições negativas que ela apresenta no decorrer do seu enredo. Ela não esquece o peso do racismo que busca de todas as formas quebrar a importância cultural para o povo negro em assumir as suas tranças. Em se assumir como negro. Muito pelo contrário, ela traz a voz do racista, daquele que quer deturpar, humilhar aquele que usa o cabelo afro, que é negro e que anda livremente na rua.

Preta - rara em sua performatividade dialoga com o público, expondo seu corpo negro e suas tranças afros coloridas de forma livre, verdadeira e carismática, na medida que ela claramente busca o reconhecimento de sua luta pelo respeito do seu corpo, do seu cabelo. Pois ela ressignifica o racismo que sofreu transformando, seu cabelo em sua identidade afirmativa e quer que as outras crianças também ressignifiquem seu cabelo para não absorverem o teor negativo das ofensas racistas que afastam o(a) negro(a) de suas raízes. Preta-rara grita, sorri, segura os cabelos com todo o pertencimento de quem não apenas compôs mas viveu suas próprias palavras rimadas.

A forma como está reivindica a importância do seu cabelo, fortalece a sua mensagem que traz uma reflexão para os brancos e sobre sua forma de ver o outro e para o negro e sua forma de se ver e se aceitar. É importante considerar que embora a autora faça um relato pessoal e ao final termine seus versos enaltecendo a necessidade que as meninas não passem por esta realidade. Não se pode esquecer que cabelo não é um recorte de gênero que abrange apenas as pretinhas, como chama ao final Preta-rara. Homens e mulheres podem ostentar as suas tranças. Tal pressuposto traz à tona a importância do professor como interlocutor na construção dessa mensagem, na medida que pode ampliar a leitura do vídeo e fazer ver para além de mulheres, visto que homens também podem ostentar o seu black, sem ter que obrigatoriamente raspar o cabelo ou negar sua ancestralidade.

A noção de beleza não é uma construção individual e particular que possa ser chamada simplesmente de gosto, mas uma construção social. (GOMES, 2003). O cabelo negro, possui uma importância muito maior na construção da identidade do povo negro como elemento cultural que pode unir um povo. Cujas palavras depreciativas servem para desqualificar um povo e reduzir a capacidade desse povo se enxergar positivamente. Os efeitos numa criança podem conduzir ao afastamento dos espaços escolares e a baixo auto estima dessas crianças que não vão conseguir se enxergar como os modelos caucasianos existentes que definem o que é belo.

Falar do cabelo negro é falar do corpo negro e acima de tudo é falar de identidade e dessa forma reunir indivíduos para se enxergar positivamente. Para se enxergar como seres humanos, uma vez que esta discriminação guarda em si uma estratégia para retirar do negro a sua humanidade, tornando o cabelo negro uma marca de inferioridade. O cabelo acaba por servir como referencial de

beleza na medida que o cabelo negro é visto como feio e cabelo branco como bonito. (GOMES, 2003). O espaço de sala de aula torna-se propício para se discutir estes temas e os professores tornam-se alvos necessários para realizar este trabalho. O professor também precisa ter uma contínua renovação do seu conhecimento e para além daqueles que estão em formação, resta os professores que estão atuando e não possuem conhecimento suficiente para tratar de situações racistas na sala de aula e são estes os principais alvos das pesquisas que denunciam as atitudes racistas em sala de aula.

É importante ressaltar que ao se utilizar da poesia ou qualquer outro instrumento pedagógico na formação do docente, é necessário compreender a cultura negra em relação as outras formas de cultura existentes no Brasil. Agindo de outra forma, garantido a elementos da cultura negra como o cabelo um ideal de pureza, sem a troca que facilitou sua criação e recriação no solo tupiniquim, a escola irá encarar a cultura negra como algo exótico, folclorizado e portanto distante da realidade brasileira. Como se o cabelo negro fosse estrangeiro em seu próprio território (GOMES, 2003). Tal construção não contribui para uma identificação do aluno para com sua própria cultura. Ampliando o afastamento que já existe quando o negro prefere alisar seus cabelos ou tem seu cabelo depreciado por palavras negativas e comparações negativas como as mencionadas na letra da poesia de pretarara, em que seu cabelo é chamado de ruim e duro e a mesma associada a maconeira e macumbeira. Lembrando o forte distanciamento que a sociedade tem do usuário de drogas no Brasil e de como as religiões de matriz africana são vistas negativamente. Para exemplificar, Fazzi (2012) em sua pesquisa presenciou crianças associando a macumba ao diabo.

O material didático muitas vezes presente na sala de aula traz a tona uma percepção negativa e inferior do corpo negro na medida que este retrata em várias ocasiões o corpo negro como sendo do escravo, servil, doente e acorrentado. O negro dificilmente é retratado como alguém com um livro interessado nos estudos. Aceitar-se como negro implica numa resignificação do pertencimento no plano tanto individual como coletivo dentro das questões étnico/raciais (GOMES, 2003). O professor que tenha uma formação contrária ao racismo pode então resignificar o conteúdo racista do material racista. Bem como, a proposta de trazer a poesia pra sala de aula e recursos áudio visuais, visa influenciar o professor na construção de novos materiais didáticos. Tornar a aula atrativa e significativa para estes professores demanda a necessidade de novos recursos. Nesse aspecto é interessante considerar como afirma Alarcão (2011) que para se ter uma escola reflexiva é necessário formar professores reflexivos.

Para que a educação surja como meio de combate ao racismo pode a escola fazer uso da reflexão como elemento formativo. Dentro desta questão, importante contribuição nos traz Alarcão (2011) para nos ajudar a compreender a importância da reflexão neste processo educativo. Esta esclarece uma realidade relevante, na medida que explica como funciona a sociedade de informação. Na qual somos atropelados por diferentes formas de informação vindas de diferentes fontes, como informações racistas e não racistas, em um avultoso crescimento das tecnologias da informação. Vivendo nesta sociedade, o indivíduo recebe a informação e a converte em conhecimento, no entanto, esta ainda precisa ser adequadamente internalizada pelo indivíduo para só então ser parte dele. E para tanto torna-se necessário o processo da reflexão que nos conduzirá ao potencial crítico, a fim de discernir sobre a informação recebida. Separando o que deve ser internalizado do que deve ser abandonado. Ocorrendo aqui a aprendizagem.

De acordo com Alarcão (2011) e sua defesa de uma escola reflexiva a partir da formação de professores reflexivos, é importante se preocupar com esta formação e as possibilidades de se construir juntamente com estes professores recursos pedagógicos para este fim. Fazendo uso de novas tecnologias que possam ter apelo significativo na formação docente. Como a poesia de Preta-rara e sua performatividade ao declamá-la presente em vídeo.

Paralelo a análise da letra e performance da poesia de Preta-rara e ao mesmo tempo fazendo uso dela na sala de aula é possível sugerir, partindo por sua vez da teoria da ação comunicativa de Habermas (GONÇALVES, 1999), que os ecos de diferentes salas de aula possam se unir nas suas diferentes especialidades, observando os diferentes saberes práticos como metodologia para a construção de uma linguagem comum na construção de uma escola que enxergue todas as suas crianças incluindo os pretinhos e pretinhas como afirma Preta-rara.

Dessa forma ao se pensar na formação do professor é necessário refletir sobre a formação tradicional e construir um ambiente atrativo e que respeite os saberes desses professores. Tornando o conhecimento realmente significativo e reflexivo. A poesia e performatividade de Preta-rara reúnem a sensibilidade e o impulso necessário para desenvolver um trabalho reflexivo que conduza os professores para a partir da sua realidade dialogar reflexivamente sobre as possibilidades de contribuir em suas respectivas salas de aulas numa identidade positiva dos seus alunos.

CONCLUSÃO

Através deste trabalho foi possível confirmar a possibilidade de se usar recursos áudio visuais e da poesia contemporânea ao se analisar a poesia entrelaçando as ideias de Preta-rara, na

formação de professores buscando a reflexão sobre a presença do racismo, respeitando os saberes dos professores e buscando contribuir para a formação de professores reflexivos que possam estar preparados para lidar com situações de racismo que eventualmente existem no seu trabalho. Respeitando com isso as potencialidades dos alunos negros e contribuindo para a construção de uma identidade positiva dos seus alunos refletindo no cabelo do povo negro com todos os traços ancestrais que o fazem elemento importante para a construção de uma identidade positiva.

Para tanto a pesquisa ressaltou a teoria comunicativa de Habermas (GONÇALVES,1999) como meio norteador para se poder colocar em prática as ideias de Tardif (2013) que defendem uma formação que respeite o professor como sujeito ativo na construção do seu conhecimento e todos os seus saberes. Rompendo dessa forma com a formação tradicional e propondo que na formação dos professores o conhecimento possa ser facilitado e discutido. Garantido dessa forma uma relação igualitária no ambiente de sala de aula, que contribui por sua vez para a reflexão.

Dessa forma o cabelo torna-se protagonista na construção de uma identidade positiva para o corpo negro. Aceitando-se como parte de algo positivo, o negro rompe com os grilhões modernos de uma escravidão não totalmente vencida e sem nenhuma reparação. O estado brasileiro busca através de medidas afirmativas como a lei 11.645/08, a qual prevê a inclusão nos currículos oficiais da rede de ensino pública e particular, do ensino fundamental e médio, a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” em todo o currículo escolar (BRASIL, 2008), favorecer uma releitura do negro no Brasil. No entanto, a obrigatoriedade deve vir acompanhada da discussão da construção de práticas pedagógicas que possam atuar na formação também do professor, visto que este será meio importante para enfrentar a realidade do racismo no país.

De forma resumida, é possível afirmar que se pretendeu ao se analisar a poesia de preta-rara por meio de pesquisa bibliográfica direcionar para a sua possibilidade como instrumento em sala de aula na formação de professores, utilizando como arcabouço teórico a teoria da ação comunicativa de Habermas (GONÇALVES, 1999), ao desenvolver um espaço para a construção do saber reflexivo (ALARCÃO, 2011), tomando por base o professor como agente nessa construção por meio do saber prático originado também na vivência profissional do professor (TARDIFF, 2013).

REFERÊNCIA



ALARCÃO, Isabel. **Professores Reflexivos em uma escola reflexiva**. 8ª ed. Cortez, São Paulo, 2011.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008**. Disponível em: <[http:// www. Planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm)>. Acesso em 02/10/2017 de agosto de 2017.

FIORIN, José Luís. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo, SP: Contexto, 2016.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro. n.23, p.75-85. 2003.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Teoria da ação comunicativa de Habermas: possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola. **Educação & Realidade**, vol.20, n.66, pp. 125-140. Apr. 1999.

MANOS E MINAS. **Falsa abolição**. 2017. (05m43s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=m-xesyedrU>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

SANTOS, José Henrique dos. Sobre o ensino das humanidades. In: DIAS, Fernando Correia (coord.). **Ensino das humanidades: a modernidade em questão**. Brasília: Cortez, 1991. p. 119-130.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor, 2012**.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br